

2.3.1 • A comunicação mundializada • Utilizações e manipulações da informação e da comunicação

Referenciais e estratégias comunicativas internacionais

Carlos Oliveira Santos

A CRESCENTE NECESSIDADE de estratégias comunicativas internacionais seja, entre muitas outras, sobre melhorias ambientais, defesa de direitos humanos ou promoção de um país, solicita o desenvolvimento e aplicação de conceitos e métodos cada vez mais aperfeiçoados, adequados e eficazes.

Explora-se, neste artigo, a adopção do modelo dos referenciais, desenvolvido pela chamada Escola de Grenoble, no sentido da definição e gestão estratégica de processos de comunicação internacionais.

Centrado na obra seminal de Bruno Jobert e Pierre Muller (1987) e desenvolvido pelos próprios e por diversos contributos de, entre outros, Alain Faure, Gilles Pollet, Philippe Warin, Olivier Mériaux, Andrew Smith, Jean Leca ou Yves Surel, na Europa, bem como de Vivien A. Schmidt, nos EUA, esta sob a designação de institucionalismo discursivo, o modelo dos referenciais surge como uma abordagem cognitiva e normativa de processos políticos, tendo em vista o entendimento da complexidade das construções intelectuais e institucionais que presidem à emergência e depois à afirmação e à concretização de uma política.

Esta nossa aplicação dos referenciais aos processos comunicativos internacionais pressupõe, aliás, que estes não se encerram na sua dimensão comunicativa, antes envolvem protagonismos, instituições e interações várias, numa dinâmica de construção de poder muito semelhante à dos processos políticos. Se quisermos ser mais claros, trata-se da constatação de que os processos comunicativos são processos políticos.

Neste sentido, um novo referencial resulta de um processo conjunto, designado por mediação, onde estão envolvidos diversos mediadores, operando em fóruns, lugares onde se desenvolve, debate e opera aquela construção, processo através do qual se criam condições para a definição de um novo espaço de expressão de interesses, a partir de um quadro de referência simultaneamente cognitivo, normativo e interventivo, no qual os diferentes actores vão poder mobilizar recursos e firmar relações de aliança ou de conflito. Neste sentido, como sublinha Pierre Muller (1995: 161) “um referencial não é apenas discurso ou ideias... é ideias em acção”.

Valores, normas, algoritmos e imagens

A sua dinâmica de mediação desenvolve-se através de quatro unidades de análise, tidas como níveis de percepção do mundo: valores, normas, algoritmos e imagens.

Estas quatro unidades processam-se segundo duas grandes linhas de dimensões: a primeira é a da dimensão cognitiva / dimensão norma-

tiva / dimensão interventiva. Na sua dimensão cognitiva, os processos da mediação ajudam a compreender o mundo, gerando concepções, posições e interpretações que fundamentam o referencial; na dimensão normativa, eles definem os critérios e instrumentos que permitem agir na dimensão interventiva.

“ Neste espaço das ideias económicas, ir-se-á assistindo à transição dos economistas que operam na cena científica para os que operam como conselheiros de governos. ”

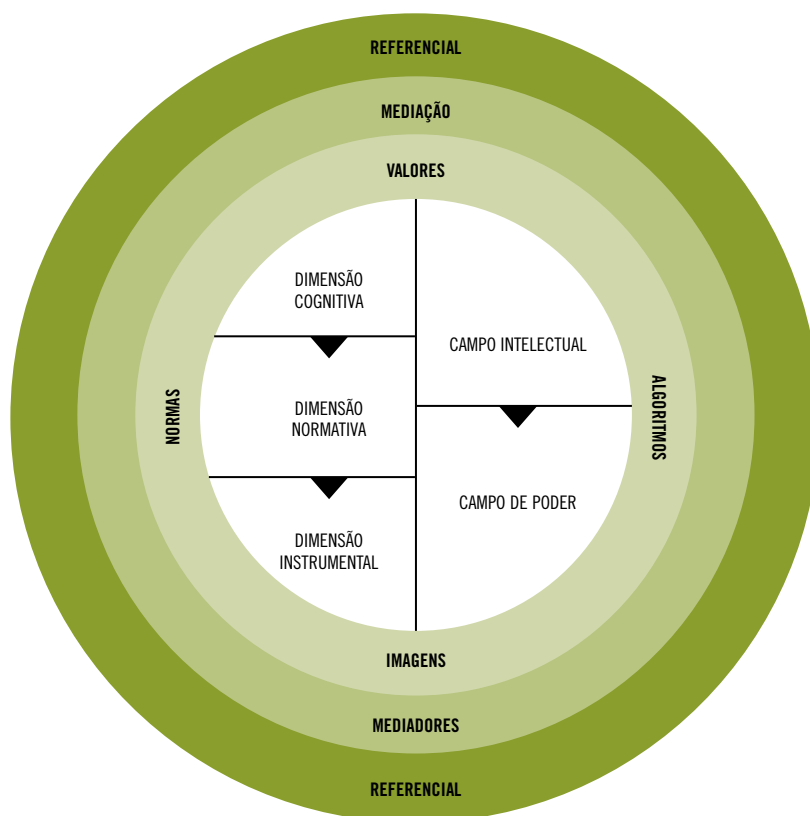
A segunda linha de dimensões é a do campo intelectual / campo de poder. No campo intelectual, num processo de tomada de palavra, dão-se as necessárias produções de sentido; no campo de poder processa-se a estruturação de um campo de forças, que determina a acção.

O processamento de cada uma destas dimensões deve desenvolver-se adequadamente, tendo em conta que parte significativa da dimensão cognitiva deve preceder a normativa, bem como o campo intelectual, em grande montante, deve preceder o do poder, cada um dos dois primeiros momentos servindo como fundação e fundamentação dos segundos.

A aplicação do modelo

Assim sendo, uma aplicação deste modelo a estratégias comunicativas internacionais supõe a mobilização de sucessivos mediadores, a operarem em fóruns e canais comunicativos apropriados, a par da emergência e evolução de valores, normas, algoritmos e imagens, através de adequada dinâmica de uma dimensão cognitiva, que dá lugar e se articula sucessivamente como uma dimensão normativa, caracterizada pela definição e determinação de critérios e de instrumentos, incluindo instituições apropriadas. São tais dimensões que dão sustento a uma dimensão interventiva, onde se trata de assegurar a correcta e eficaz gestão de instituições e acções, qualquer delas integradas em contextos que se transformam e aos quais há que dar as respostas estratégicas

Representação de um processo de referencial



UNIDADES DE ANÁLISE DOS MODELOS DO REFERENCIAL

São quatro as unidades de análise tidas como níveis de percepção do mundo:

1. Valores
2. Normas
3. Algoritmos
4. Imagens

Os valores são as representações mais fundamentais, sobre o que é bem e mal, desejável e rejeitável.

As normas definem as diferenças entre o real percebido e o real desejado.

Os algoritmos são as relações causais que exprimem uma teoria da acção.

As imagens, um elemento central do referencial, constituem-se e fazem sentido imediato, sem passar por um longo percurso discursivo.

mais produtivas, na perspectiva do referencial em causa, sem quaisquer propósitos mecanicistas ou deterministas. Não podemos deixar de ter em conta que a constituição de um novo referencial não é um projecto completamente consensual, coerente e racional. Na sua dinâmica de conflitos e afrontamentos, ele tem muito de contraditório e imprevisível. A comunicação, ao longo de todo este processo, é-lhe inerente e permanente, mas não suficiente: Ela tem de ser suportada por mediadores, pelo enquadramento em valores, pela definição de normas, pela dinâmica de instituições e, sobretudo, por acções.

Uma abordagem deste tipo enquadra-se na rejeição de uma perspectiva estruturalista do discurso, que tende a abstrai-lo das práticas sociais e do contexto social da comunicação, bem como na rejeição daquilo que Wallack (1989: 354) designou como fantasia mediática (*mass media fantasy*), isto é, a convicção “de que quase todos os problemas... podem ser adequadamente enfrentados se a mensagem certa for comunicada às pessoas adequadas, de maneira adequada e no tempo adequado”. Não basta. A existência de componentes, dimensões, campos e dinâmicas, como os assinalados pelo modelo dos referenciais, é fundamental.

Sem comunicação não há referencial

O contrário também é verdade. Sem comunicação não há referencial. De facto, a generalidade dos principais autores desta área sublinha a importância essencial da dimensão comunicativa no estabelecimento de um referencial. Schmidt (2012: 86), na perspectiva do institucionalismo discursivo, considera que as respectivas “interacções discursivas podem envolver agentes políticos em coligações discursivas, comunidades epistémicas e coligações de causas (*advocacy coalitions*) envolvidos num discurso ‘coordenado’ de construção de políticas, e em agentes políticos e públicos envolvidos num discurso ‘comunicativo’ de deliberação, contestação e legitimação de políticas”.

Pierre Muller (2015) não deixa, também, de considerar os fóruns de comunicação política como essenciais para a emergência de novos interesses e reivindicações tendentes a um novo

referencial. E Alain Faure, à sua obra colectiva de debate da noção de referencial, deu-lhe um título que reforça esta permanente dimensão discursiva e comunicativa: *La construction du sens dans les politiques publiques*.

Por outro lado, são alguns os estudos de autores da área dos referenciais que se aproximam, inclusive, do enfoque deste nosso artigo, ou seja, a sua consideração em processos comunicativos internacionais, enfoque muito favorecido, na perspectiva dos referenciais, pelo conceito de referencial global.

Já em 1994, Bruno Jobert coordenou o multifacetado estudo da emergência do referencial neo-liberal (eu diria, antes, libertário, no sentido hayekiano, e conservador, no sentido straussiano, algo que julgo não poder confundir-se com o liberalismo) na Europa, com base na análise de quatro países, França, Alemanha, Itália e Grã-Bretanha, durante os anos oitenta. Embora com recepções diferenciadas em cada país (diferentes ritmos, amplitudes e protagonistas), dados os respectivos contextos, o modelo dos referenciais mostra a sua validade interpretativa, revelando como os fóruns científicos, nos anos setenta, se começaram a mostrar sensíveis aos novos valores, em especial uma comunidade científica internacional largamente dominada pelo seu braço norte-americano.

1974 é o ano da atribuição a Friedrich Hayek do Prémio de Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel. Dois anos depois, dá-se a mesma atribuição a Milton Friedman e, em 1980, reformado este da Universidade de Chicago, publicou-se o seu influente livro *Free to choose, a personal statement* (com Rose Friedman), baseado na série televisiva da PBS, o suficiente para a crescente dimensão comunicativa de emergência deste referencial, a mediar-se, nesta fase, na dimensão cognitiva e no campo intelectual.

Neste espaço das ideias económicas, ir-se-á assistindo à transição dos economistas que operam na cena científica para os que operam como conselheiros de governos, introduzindo, assim, novas variáveis nos respectivos discursos e estratégias, já prefigurando a passagem a uma dimensão normativa e a campos de poder.

1976 é o ano da criação do Centre for Policy Studies de Keith Joseph e Margaret Thatcher e começam a generalizar-se linhas de clivagem que formatam, de forma sucessivamente ampla, o debate político, assistindo-se a novos posicionamentos e alianças, muitas vezes com a reconversão ao novo referencial de elites que regulavam anteriores abordagens. Liberais e democratas cristãos cada vez mais unidos nesta nova mediação, e socialistas, sobretudo colapsado o império e o simbolismo soviético, prontos a meter o socialismo em gavetas, como bem conhecemos entre nós, e abraçando muitos dos novos parâmetros referenciais, mesmo que sob uma forma aparentemente gestonária. Assim se sucederiam e engrossariam as dimensões normativa e instrumental desta enorme *tourant neo-liberal* que iria dominar as décadas seguintes.

No final daquela década de setenta, Margaret Thatcher, um dos maiores epítomes do novo referencial, ganha o Governo britânico. Dois anos depois, Ronald Reagan seria eleito presidente dos Estados Unidos e, a partir daí, todos temos noção da difusão e implantação deste referencial. O estudo de Jobert (1994) é analítico, mas a nossa convicção é que o modelo dos referenciais também pode ser proveitoso para a definição e gestão de estratégias e prospectivas.

Todos aqueles que almejam novas e mais saudáveis políticas e comportamentos ambientais, políticas e práticas financeiras mais sérias e proveitosas para os povos, uma melhor regulação mundial de direitos humanos e tantas outras concepções e intervenções, necessárias de serem tidas em conta, em prol do bem-estar das pessoas e do seu planeta, deverão, cremos nós, dar atenção a este modelo dos referenciais, nomeadamente numa perspectiva comunicativa internacional. ■

Referências

- A. Faure, G. Pollet, P. Warin, (dir.) (1995), *La construction du sens dans les politiques publiques: débats autour de la notion de référentiel*, Paris, Harmattan.
- Friedman, M. & Friedman, R. (1980) *Free to choose: a personal statement*. New York, Harcourt
- Jobert, B. (1994), *Le tournant néo-libéral en Europe*. Paris, Harmattan.
- Jobert, B. & Muller, P. (1987), *L'État en action: politiques publiques et corporatisme*. Paris, PUF.
- Muller, P. (1995), Les politiques publiques comme construction d'un rapport au monde, In A. Faure, G. Pollet, P. Warin, (dir.), *La construction du sens dans les politiques publiques: Débats autour de la notion de référentiel*, Paris, Harmattan, pp. 153-179
- Muller, P. (2015), *Les politiques publiques*. Paris, PUF.
- Schmidt, V. A. (2012), Discursive institutionalism: scope, dynamics, and philosophical underpinnings. In Fischer F. & Forester, J. (eds.) *The argumentative turn revisited, public policy as communicative practice*. Durham, NC: Duke University Press, pp. 85-113.
- Wallack, L. (1989), Mass communication and health promotion: a critical perspective. In Rice, R. E. & Atkin, C. K. (eds.), *Public Communication Campaigns*, Newbury Park, CA, Sage, pp. 353-367.